



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA DE ENSINAR E APRENDER INGLÊS LE EM CONTEXTOS COM ESTUDANTES AFROBRASILEIROS SOB A PERSPECTIVA ÉTNICO-CULTURAL

Adelmo de Souza Xavier

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia-IFBa

Adelmo.ifba@gmail.com

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as ações emancipatórias e processos de emancipação através de uma política de ensino de línguas pautada em ações crítico-pedagógicas nos processos de ensino e aprendizagem de inglês LE sob uma perspectiva étnico-cultural. Tomando como pano de fundo a interculturalidade entre LM e LE, assim como os processos de glocalização, ambas entendidas aqui como dinâmicas que influenciam e tencionam nas relações entre professor, material didático e aluno na sala de aula de inglês LE. Através dos relatos de experiências de ensinar inglês em contextos com a presença de estudantes afrobrasileiros, esse trabalho objetiva visibilizar esse grupo ideologicamente minoritarizado, propondo uma política de ensinar línguas em que as peculiaridades étnico-culturais desse segmento possam ser legitimadas, seja através da produção de materiais didático-pedagógicos sensíveis a essa questão seja através de uma política de ensinar línguas vislumbrando um olhar atento para as relações de poder que subjazem a esses processos e espaços de aprendizagem.

Ensinar para as relações étnico-raciais no ensino de línguas é mais uma das tarefas utópicas dentro do cenário ao qual, nós professores de línguas, estamos inseridos. Propor um ensino pautado em ideais de emancipação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, principalmente em contextos em que essa língua considerada por muitos como elemento excludente, para os que não têm acesso a mesma, e imperialista, guardando a projeção dos países que a tem como língua materna e fazem parte dos grandes blocos econômicos, é propor uma reflexão sobre como aprender e ensinar essa mesma língua de forma a resguardar o seu caráter global enquanto língua e as peculiaridades das identidades locais de que a pretende aprender.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O contexto que vos trago aqui para apreciação diz respeito ao nosso sistema de ensino público, e dessa vez com a experiência de quem vive a rotina diária das salas de aula sem quase nenhuma condição para que esse processo tão complexo chamado ensino-aprendizagem, principalmente em uma língua estrangeira, processo esse que para nós que vivenciamos essa labuta, sabemos que envolve muitas variáveis a serem consideradas. A proposta aqui não é falar dos quase inexistentes instrumentos de trabalho, ou dos chamados mutimeios e demais aparatos tecnológicos que os grandes cursos particulares de inglês utilizam para otimizar o processo de aprendizagem do pequeno grupo que ainda pode pagar por esse espaço. Falo aqui daquele contexto de violência urbana, violência doméstica, drogas, violência contra a mulher, homossexuais, indígenas e demais minorias que são discriminadas e/ou excluídas por não pertencerem ao grande grupo étnico-cultural hegemônico e que ainda é o modelo social ao qual a sociedade brasileira pretende alcançar.

Toda essa falatório de professor, que nunca desiste e está sempre pensando em como transformar o contexto profissional em que atua em um lugar mais dinâmico, acessível, crítico, consciente, prazeroso e efetivamente favorável a essa aprendizagem tão desejada por todos nós, está pautado em problematizar os processos pelos quais a sala de aula de línguas, nesse caso específico inglês, tem (re)produzido as discrepâncias sócio-econômicas, culturais, raciais e de gênero, espelho das relações sociais que moldam a sociedade brasileira.

Para esse texto pensei em ser o mais elaborado possível, tentando buscar alguma solução para alcançar esse ensino perfeito ao qual todos nós pensamos um dia alcançar. Ensinar aos moldes de Paulo Freire para uma educação emancipatória e conscientizadora, pois, segundo o mesmo “conscientização não pode existir fora da *práxis*, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens”. Ou quem sabe utilizar algo da teoria de Milton Santos para poder elucidar esse fenômeno que tem reverberações frequentes em nosso espaço escolar: a globalização.

“A globalização pretende ser homogeneizadora, como presença obrigatória em todos os continentes e lugares. E a promessa de construção de um mundo só estaria incluída nesse movimento.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“Todavia, tal pretensão até agora apenas renova disparidades e cria novas desigualdades, o que é devido à violência dos seus processos fundadores, todos praticamente indiferentes às realidades locais. A aplicação brutal de princípios gerais a situações tão diversas é criadora de desordem. Por isso mesmo, a globalização beneficia apenas uma parcela limitada de atores, enquanto causa transtornos e danos à maioria das empresas e das pessoas.”

Ainda seguindo na mesma linha de pensamento poderíamos também fazer referências ao processo que tem lutado para conviver e resistir ao mesmo tempo a esse fenômeno considerado por muitos como irreversível. Trataremos aqui do fenômeno da globalização que também é outro fenômeno que, a primeira vista tem impacto social com grande abrangência nas identidades desses possíveis falantes e aprendizes dessa língua franca e de eventos da diplomacia ao redor do mundo. Para continuar com a cadência de fatos e elementos que tanto nos interessa em nosso contexto de ensino e aprendizagem, acrescentaremos o conceito das identidades que segundo as teorias pós-modernas, se encontram em constante processo de desagregação e (re)estruturação a medida que avançam para contextos cada vez mais complexos, segundo o afirmado por Hall:

“Segundo Stuart Hall (1999) uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados a nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Entretanto, segundo Hall (1999), vivemos atualmente numa “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas. Tais mudanças se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social.

Somado ao conceito de identidade e sem podermos dissociar em nossa análise segue o conceito de diferença, como algo agregador a necessidade de entendermos que para reafirmarmos nossas identidades precisaremos delinear o que nos difere e iguala ao outro, segundo Woodward: “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

representação quanto por meio de formas de exclusão social(**racial, de gênero, etnia, nacionalidade, grifo do autor**).